

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE E AS IMPLICAÇÕES DAS QUESTÕES AMBIENTAIS NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Marcus Vinícius dos Santos Silva (1); Priscila Felix Bastos (4).

(1) *Universidade de Pernambuco-UPE. E-mail: marcus-vinicius@live.com*

(4) *Universidade de Pernambuco-UPE. E-mail: felixbastos@gmail.com*

Resumo: Este escrito disserta a respeito da evolução do conceito de saúde, bem como sobre a origem de diversas doenças que podem estar relacionadas ao meio em que o ser humano está inserido. O presente trabalho tem como meta primordial elucidar um amplo entendimento no que remete a relação intrínseca existente entre saúde e meio ambiente, elencando os principais fatores que interferem no surgimento de doenças. Neste contexto, a relevância desse estudo se dá pelo fato de buscar entender a relação entre saúde e meio ambiente e como os indivíduos se deparam com agravos à saúde causados pelo meio em que estão inseridos, disponibilizando aos leitores algumas contribuições no que tange ao elo entre saúde e meio ambiente. Quanto à metodologia empregada foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Arelada aos resultados obtidos, foi detalhada inicialmente a evolução histórica do conceito de saúde para que se possa entender fidedignamente como a saúde era entendida, doravante buscando um conhecimento mais alicerçado. De antemão, os conceitos iniciais de saúde se apresentam de forma rudimentar, com base em superstições e ideias mágico-religiosas, mas com o passar dos anos este conhecimento vai sendo reforçado, chegando ao que se entende hoje como saúde. Embora muitos ainda não entendam que saúde não é simplesmente ausência de doença, é pertinente entender que é um conceito difícil de definir, já que envolve um leque de variantes e entre estas o meio ambiente está fortemente entrelaçado.

Palavras-chave: saúde, meio ambiente, processo saúde-doença.

INTRODUÇÃO:

O homem, desde quando percebeu que a partir do momento que se jogasse uma semente no solo esta germinaria, começa a se fixar em determinados locais, e a partir daí principia a entender melhor o local em que vive, criando técnicas que transformem o seu habitat, proporcionando a necessidade de transformar este meio a seu favor, não só para sua sobrevivência, mas para explora-lo ininterruptamente, para acúmulo de riquezas. Desse modo, começa a devastar a natureza e, como resultado, oportuniza o aparecimento de diversas enfermidades. É neste momento que os problemas ambientais começam a se intensificar e, junto a isso, as moléstias relacionadas a esse processo, doravante surgindo hipóteses e teorias para explicar a origem das diversas doenças que acometiam o ser humano. Inicialmente, era comum a crença de doenças resultantes de superstições mágico-religiosas, até o desenvolvimento de ideias mais amplas como é o caso do conceito de saúde firmado pela ONU e Carta de Ottawa.

Neste contexto, a relevância desse estudo se dá pelo fato de buscar entender a relação entre saúde e meio ambiente e como os indivíduos se deparam com agravos à saúde causados pelo meio em que estão inseridos. Assim o objetivo primordial a ser alcançado é: analisar a relação existente entre saúde e meio ambiente e compreender a evolução do entendimento da saúde ao longo da história. No que concerne à metodologia empregada nesta pesquisa foram empreendidos processos de investigação documental e levantamento bibliográfico. Tendo em vista a tentativa de avaliar a complexidade dos fenômenos e processos que ocorrem na temática estudada e buscando responder aos objetivos formulados para o presente trabalho.

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE

O debate a respeito do conceito de saúde perdura na sociedade, indo de concepções mais simplistas em direção as mais complexas. Neste contexto, Martins evidencia que “o homem primitivo atribuía o processo de saúde/doença à punição ou à recompensa de entidades sobrenaturais” (MARTINS, 2005, p. 01). Assim a ausência de doença estaria condicionada ao maior envolvimento com entidades divinas, através do seguir os ensinamentos propostos pelos mesmos. Os elementos naturais e sobrenaturais corroboram desde a antiguidade, com o conceito de saúde, desse modo, fazendo prevalecer a cultura, os costumes e crenças dos povos (SEVALHO, 1993). Segundo Santos e Pratta (2009, p. 204):

Os gregos, um povo considerado avançado para seu momento histórico e que apresentava uma característica particular, a preocupação em compreender a natureza do homem, produziram um rico conhecimento mitológico e filosófico, os quais embasaram as explicações sobre saúde e doença nessa época. Assim, em um primeiro momento, as explicações para as doenças entre os gregos tinham uma fundamentação religiosa. (SANTOS; PRATTA, 2009, p. 204)

Assim Batistella (2007, p. 31) contempla que com o surgimento da civilização grega a interpretação que antes tinha como alicerce ideias supersticiosas, mágicas cai por terra, dando lugar a argumentos e conceitos racionais, antes inacessíveis, para o que faz referência ao processo saúde/doença.

No que concerne o Império Romano os clínicos (médicos) não mudaram nada em relação aos médicos gregos, permanecendo como meros imitadores das noções de saúde e doença, por exemplo. Entretanto, quando se pensa em

construções como obras sanitárias, sistema de esgotos, aquedutos, essas obras marcaram fortemente a história (ROSEN, 1994, p. 40). De certa forma, minimizando diversos tipos de doenças que tivessem como fator determinante o meio contaminado por dejetos, propenso a diversos parasitas.

Entretanto, doravante, o conceito de saúde foi sendo aperfeiçoado, saindo das crenças religiosas, que doença era resultante de forças externas nas quais os que tivessem cometido algum delito, pecado receberia a doença, até ideias mais cabais, como os estudos realizados pelo considerado pai da medicina, Hipócrates. Este afirma na sua obra “A doença sagrada” citada por Scliar (2007, p. 32) que: “A doença chamada sagrada não é, em minha opinião, mais divina ou mais sagrada que qualquer outra doença; tem uma causa natural e sua origem supostamente divina reflete a ignorância humana”. Destarte, a relação saúde/doença era vista na ótica e perspectiva de Hipócrates como fruto da falta de saber, utilizando-se de explicações não só simplistas como simplórias no que concerne a relação doença/saúde.

Durante a Idade Média, com a queda do Império Romano, emerge uma ruptura no que diz respeito não só a evolução do conceito de saúde, como outros estudos em outras áreas. Assim, esse período da história não é conhecido como Idade das Trevas por acaso, no que faz referência ao conceito de saúde, noções mitológicas voltam a reverberar nesse contexto, devido à grande influência da religiosidade, principalmente da Igreja Católica.

Neste sentido, Batistella (2007, p. 34) diz: “O cristianismo afirmava a existência de uma conexão fundamental entre a doença e o pecado. Consequência desta visão, as práticas de cura deixaram de ser realizadas por médicos e passaram a ser atribuição de religiosos”. Dessa forma, é notório que a Igreja Católica, hegemônica nesse período, anula qualquer ideia racional, que vá a contradição com a igreja, excluindo noções do processo saúde/doença de grandes estudiosos.

Posteriormente, na Modernidade, com o fim da Idade Média, emerge um período marcado por grandes avanços filosóficos, artísticos, culturais, científicos, denominado Renascimento. Entretanto, no que se refere à saúde no período de renascença, a mesma não se apresenta como mola propulsora para o engajamento de cientistas e estudiosos que pudessem revolucionar na área de saúde com grandes descobertas, já que nesse momento não persistiu avanços significativos no conceito de saúde. Ainda existia espaço para ideias mágico-religiosas quando não se tinham comprovações totalmente verídicas de determinada especulação sobre o corpo humano, fazendo parecer de estudos mais aprofundados. Sendo assim, Lourenço et. al. ([200?], p. 24) expõe que:

Nesta época, destacou-se, na medicina, Ambroise Paré (1509-1564), considerado o pai da moderna anatomia, com avanços importantes no campo cirúrgico, porém não dispensava a explicação de ordem mágica Religiosa quando não conseguia uma solução racional e verificação comprobatória. (LOURENÇO, [200?], p. 24).

Todavia, reverbera no final do século XIX, ainda na Modernidade, estudos que comprovam através do uso dos microscópios, a existência de microrganismos capazes de disseminar doenças, ideia esta exclusiva desse período. Scliar (2007, p. 34) elucida: “no laboratório de Louis Pasteur e em outros laboratórios, o microscópio, (...) estava revelando a existência de microrganismos causadores de doença e possibilitando a introdução de soros e vacinas”. Nesta conotação, medicamentos são utilizados para amenizar o sofrimento dos enfermos, diminuindo os sintomas associados, indo em direção à prevenção de doenças já descobertas nesse período, através dos soros e vacinas.

Leriche (apud CANGUILHEM, 2009, p. 30) define a saúde como sendo “a vida no silêncio dos órgãos” e a doença como “aquilo que perturba os homens no exercício normal de sua vida e em suas ocupações e, sobretudo, aquilo que os faz sofrer”. Ou seja, não são levados em consideração fatores que possam determinar a doença, tendo a crença de que a simples ausência de sintomas comprovava uma excelente saúde, por não impossibilitar, quem quer que seja, nas realizações de suas atividades diárias. A falta de estudos que ratificassem que muitas vezes a doença se inicia silenciosamente também contribui para legitimidade da afirmação citada por muitos.

Existem ainda concepções de ausência de saúde ligadas à fisiologia humana, provando o quanto o termo evolui com o passar do tempo. Desta maneira, a ignorância humana, no sentido da ausência de um alicerce mais racional, faz com que a noção de saúde/doença, se caracterize de forma reducionista e pouco precisa.

A Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 1946 declara que “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. O conceito de saúde não pode ser dado separadamente dos agentes que proporcionam esse estado de vitalidade, força, já que a mesma só prevalece se o indivíduo possuir um completo bem estar físico, disposição para as tarefas diárias, mental e social, levando em consideração fatores como a promoção de políticas públicas, lazer, moradia, entre outras. É um entendimento ampliado, quando comparado à definição de Leriche citada anteriormente.

É imprescindível destacar que o conceito de saúde da (OMS) é o primeiro a ser reconhecido mundialmente, visto que distintas localidades tinham suas próprias definições de acordo com sua cultura e aspirações.

Em 1986 de 17 a 21 de Março a 8ª Conferência Nacional em Saúde determina que:

(...) a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio-ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de renda.

Em relação a esta conotação, faz parecer que a saúde descrita é ampla e complexa, ao passo que são levados em consideração aspectos que permeiam toda a vida humana, desde serviços de saúde a lazer. Em relação ao conceito de saúde exposto acima, o Brasil como país em desenvolvimento proporciona aos cidadãos condições para uma plena saúde? Proporciona transportes públicos adequados e áreas de lazer dignas para o convívio social harmônico e uma boa saúde?

Conquanto, de forma a expandir os conceitos relacionados à saúde, ao longo dos anos, diversos estudiosos, das mais diversas áreas, biológicas, geográficas e até mesmo sociais, começam a se debruçar mais sobre o tema. Corroborando com o que foi dito, Albuquerque e Matos apud Praça (2012) afirmam:

Saúde é um desafio, um conceito dinâmico, difícil de definir e medir. Pode dizer-se que é um estado, uma qualidade de vida influenciada por múltiplos factores ou físicos, mentais, sociais, económicos e ambientais. (ALBUQUERQUE; MATOS apud PRAÇA, 2012, p.1).

Diante do fragmento exposto acima é de referta veracidade que a saúde está condicionada a diversos fatores não só os que fazem alusão ao meio natural, mas ao ambiente de trabalho, o convívio social e entre outros, assim dando a entender que está fortemente relacionada com a conjuntura social, econômica cultural e política de uma determinada sociedade, em um determinado tempo, local e conhecimento científico.

RELAÇÃO SAÚDE E MEIO AMBIENTE

No que concerne à relação entre a saúde e o meio ambiente, cumpre salientar a importância que a preservação da natureza exerce sobre a diminuição de casos de doenças, gerando uma boa saúde e provando que a saúde é portadora de uma relação intrínseca com o meio em que vivemos. Sendo assim, José Bonifácio um dos líderes do movimento político da independência do Brasil, citado por Pádua (2010, p. 27) ao escrever o documento “Representação à Assembleia Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura”, expõe em um trecho no referido documento que chama bastante atenção onde firma:

A natureza fez tudo a nosso favor, nós, porém, pouco ou nada temos feito a favor da Natureza. Nossas terras estão ermas, e as poucas que temos roteado são mal cultivadas, porque o são por braços indolentes e forçados. Nossas numerosas minas, por falta de trabalhadores ativos e instruídos, estão desconhecidas ou mal aproveitadas. Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo. Nossos montes e encostas vão-se escalvando diariamente, e, com o andar do tempo, faltarão as chuvas fecundantes que favoreçam a vegetação e alimentem nossas fontes e rios, sem o que o nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos paramos e desertos áridos da Líbia. Virá então este dia (dia terrível e fatal), em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos. (JOSÉ BONIFÁCIO, apud PÁDUA, 2010, p. 27).

Vale entender que a preocupação com a utilização errônea da natureza exposta no fragmento anterior, evidencia a ação descuidada do ser humano em diversos ciclos destrutivos do meio ambiente, podendo se associar e resultar em sérios problemas ambientais, que conseqüentemente contribuirá para o surgimento de doenças em um futuro bem próximo, ou melhor dizendo, já ocorrendo desde tempos longínquos. Assim, as queimadas, o desmatamento, contribuem maciçamente não só para os fenômenos catastróficos citados, como proporcionando efeitos deletérios no ser humano.

Entretanto, é notório deixar claro que desde a ancianidade já se ouvia falar em doenças vinculadas às questões ambientais, mesmo que de forma diminuta e sem um embasamento científico. Segundo Cavinatto (1992 apud RIBEIRO; ROOKE, 2010, p. 13) “desde a antiguidade o homem aprendeu que a água poluída podia transmitir doenças. Exemplo disso eram as civilizações grega e a romana que desenvolveram técnicas avançadas de tratamento e distribuição da água”. Sabendo que desde os tempos remotos já se tinha a percepção de que há doenças que emergem da natureza, se torna indeclinável elencar de forma simples, mas não

simplória, a contribuição de alguns estudiosos que se atentaram a desvendar os enigmas das doenças decorrentes do espaço geográfico. Sendo assim, Vidal de La Blache (apud MORAES, 1986) mesmo não tendo introduzido em sua teoria a questão da doença oriunda do meio ambiente afirma que o objeto de estudo da geografia é a interação entre o homem e a natureza e que o mesmo sofre influências do meio, porém atua nele, modificando a paisagem presente.

Entretanto, como foi supracitado no início deste trabalho, Hipócrates, com seus estudos no que tange à saúde e sua vinculação com o meio ambiente, traz contribuições imprescindíveis para se compreender que o ambiente influencia na ocorrência de doenças, principalmente no contexto que o mesmo vive, dessa forma, derrubando a teoria dos miasmas que explicava, segundo Batistella (2007, p. 32), “(...) o surgimento das doenças a partir da emanção do ar de regiões insalubres”. Assim, depois da teoria dos miasmas e estudos de Hipócrates, é de indeclinável pertinência entender que, se começa a por em cheque as doenças advindas do castigo de Deus, ausentando-se assim de explicações mágico-religiosas.

Entretanto, posteriormente, a derrubada da crença da Teoria dos Miasmas representa um grande avanço para a ciência e para a saúde pública, uma vez que, com investigações mais operantes pode-se perceber que todas as doenças não se transmitiam exclusivamente pelo ar como Lancisi, Louis Pasteur e John Snow provam mais adiante.

Mazetto (2008) diz que o médico italiano Giovanni Maria Lancisi no século XVIII vai ser o precursor do saneamento ambiental onde defende o entupimento e drenagem de pântanos, próximo aos grandes centros urbanos para minimizar os casos de malária. Dessa forma, entende que a natureza propicia o surgimento e propagação de mosquitos vetores da malária, mesmo que não sejam descobertas nesse momento vacinas que possam prevenir os indivíduos de enfermidades como esta.

Na mesma conotação, os estudos de John Snow é um dos mais importantes no que tange a Epidemiologia. Dessa maneira, John Snow (apud BONITA; BEAGLEHOLE; KJELLSTRÖM, 2010) identifica o local das residências dos indivíduos que morreram de cólera em Londres e vai investigá-las, a partir daí constata que a morte de pessoas por cólera está relacionada com a água que os mesmos consumiam. Sendo assim, faz analogias a partir dos locais que tiveram um maior número de óbitos por cólera e a companhia que abastecia esses locais, e chega a conclusão que o número de mortes por cólera era mais intenso entre as pessoas que consumiam a água da companhia Southwark. Portanto, tem como resposta inquestionável e provada que a cólera era transmitida por água contaminada.

Todavia, o surgimento do movimento sanitarista vem a somar com os estudos realizados até então. Este emerge uma contribuição a estudos concretizados anteriormente, alegando que vários microorganismos que afetavam a saúde humana viriam tanto de vetores quanto de reservatórios naturais. Destarte, Mazetto (2008, p. 27) firma:

(...) com o desenvolvimento do movimento sanitarista houve uma nova valorização entre as relações do ambiente e da saúde, quando se constatou que muitos organismos microscópios, que atacavam a saúde humana, se encontravam em reservatórios naturais ou era transmitidos por vetores. (MAZETTO, 2008, p. 27)

Depois de um pequeno levantamento histórico no que concerne a alguns estudos no que toca a relação saúde e meio ambiente, vale entender que a exposição da humanidade a condição insalubre de sobrevivência, provocada como a falta de saneamento básico, desmatamento, queimadas, ocasiona diversas doenças que podem levar a óbito, sendo assim, é pertinente expor como esses problemas ambientais podem transformar um indivíduo sadio, em um ser repleto de enfermidade, desprovido de vitalidade. Em consequência disso, os efeitos deletérios podem ser mais precários em países em desenvolvimento, como o Brasil. Assim, é necessário repensar as práticas destruidoras vigentes, enquanto constituintes deste plano terrestre não degradando intensamente o nosso habitat. Nugem (2015, p. 44) firma que:

A precariedade nos sistemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta e destinação final dos resíduos sólidos, drenagem urbana, bem como a higiene inadequada, se constituem em ameaças à saúde da população, sobretudo para as pessoas mais pobres dos países em desenvolvimento (NUGEM, 2015, p. 44).

Destarte, percebe-se mais uma vez o quanto a falta de saneamento básico constitui um sério problema a saúde humana de todos, principalmente daqueles indivíduos que residem em países que são ausentes de uma boa cobertura do mesmo, onde a população que vive, principalmente, a margem da sociedade seja portadora não só de mazelas sociais, entretanto, de mazelas doentias que leve a hospitalizações e à morte.

Dessa forma, podemos constatar que inúmeras doenças emergentes no Brasil no século XXI são decorrentes de problemas ambientais, como a Dengue, Malária, Leptospirose e entre outras que são propagadas pelo meio em que vivemos. Para uma melhor compreensão, tomo como ilustração a malária que é um exemplo fidedigno de doença na qual os casos se

intensificam provavelmente devido ao desequilíbrio ambiental, dessa maneira, pode ser percebido que desde a década de 70 foi notório um aumento significativo nos casos, devido à intensa degradação da região da Floresta Amazônica, levando conseqüentemente a surtos da doença. Sendo assim, Pignatti (2004, p.138) corrobora:

A malária reapareceu em regiões nas quais havia sido supostamente eliminada e está se espalhando para áreas não afetadas anteriormente. Embora tenham sido utilizados, nos anos 40, inseticidas de ação residual e drogas eficazes para o tratamento da malária, observou-se um aumento do número de casos no Brasil a partir de 1970, com cerca de mais de meio milhão de casos notificados anualmente pelos serviços de saúde. Atribui-se este aumento à maneira pela qual foi ocupada a região da floresta amazônica por projetos agropecuários, pela mineração e construção de grandes usinas hidrelétricas, além da abertura de rodovias, que facilitaram o acesso à região. (PIGNATTI, 2004, p. 138).

Dubos (1968 apud COURA, 1992, p. 336) evidencia que “medicamente falando o homem é mais um produto de seu meio, do que sua herança genética e reforça: a saúde dos seres humanos não está determinada por suas raças, e sim pelas condições sob as que vivem”. Assim, diante da ideia de Dubos, é irrefutável a sua linha de raciocínio, pois é uma afirmação verídica, que condiz com a realidade no sentido de que várias doenças como respiratórias, infecciosas são determinadas pelo meio em que habitamos.

Assim, é pertinente expressar, em linhas gerais, que mesmo diante de inúmeros avanços ocorridos nos últimos anos, no que se refere à relação saúde e meio ambiente, seja através da vigilância Epidemiológica e entre outros, há muito o que ser feito, já que doenças ocasionadas, ou que tem grande influência do meio ambiente, estão cada vez mais crescendo de modo vertiginoso. Neste sentido, Patrício (apud SANTOS; SILVA; AZEVEDO, 2015) evidenciam que:

O meio ambiente exerce influência direta e indireta no processo saúde e doença, além disso embora os avanços pertinentes à saúde que levaram à queda da mortalidade, ainda trata-se de um novo desafio a ser enfrentado devido ao crescimento e envelhecimento populacional. Considerando a importância das questões ambientais, os profissionais de saúde devem visar maior atenção à promoção da saúde implementando discussões sobre a temática ambiental de maneira mais atualizada (SANTOS; SILVA; AZEVEDO, 2015, p. 100).

Portanto, é de suma importância fazer ressalvas à forma como ainda perdura uma exploração ininterrupta da natureza, sendo indeclinável uma postura crítica, reflexiva, que possibilite uma visão de mundo diferente da que muitos indivíduos têm nos dias atuais, através de uma visão holística para só assim o paradigma de efeitos deletérios no que concerne ao ser humano seja modificado. Albuquerque (2007, p. 10) elucida que: “lucros exorbitantes não explicam o desmatamento, o aquecimento global, o buraco na camada de ozônio e principalmente, as doenças que estão intimamente relacionadas aos problemas ambientais, como as respiratórias e infecciosas”. Entre essas se podem citar leptospirose, bronquite, câncer de pulmão, febre amarela, dengue e assim por diante.

Sendo assim Albuquerque (2007, p. 15) também salienta que devemos enxergar a natureza não meramente como um conjunto de paisagens, animais, plantas, mas entender e compreender que ela faz parte de nós e nós fazemos parte dela. Na medida em que destruimos e alteramos a mesma o ser humano é quem mais sofre, pois ela é que supre suas necessidades. Assim, só se pode viver com uma perfeita qualidade de vida, ausente de complicações derivada do ambiente, se os danos causados a ele sejam minimizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da consulta de uma gama de autores renomados se constata como o conceito de saúde é complexo, assim necessitando de um longo caminho a ser trilhado para que se constituísse um conceito tão amplo como o que se tem hoje na contemporaneidade. O caminho foi árduo, foram décadas para se alicerçar uma definição intelectual e precisa que levasse em consideração informações imprescindíveis para se formar uma teoria verídica do ponto de vista da amplitude deste conceito. Os autores do pretérito, como Hipócrates, John Snow, Louis Pasteur e entre outros, contribuíram maciçamente para o arcabouço do que se tem hoje. Portanto, não é aceitável no contexto em que se vive na atualidade ainda compreender o conceito de saúde de forma simplista, não considerando a multiplicidade de fatores que interferem no processo saúde-doença. É preciso levar em consideração a relação entre a ausência de doença e o meio ambiente, visto que os mesmos se apresentam metaforicamente atraídos como um ímã, com o poder de atração muito forte entre meio ambiente equilibrado e uma boa saúde e vice e versa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, B. P. de. **As Relações entre o Homem e a Natureza e a Crise Sócio-Ambiental. Monografia de conclusão do curso de Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico de Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde.** Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2007.

BATISTELLA, C. et. al. **O Território e o Processo Saúde-Doença.** Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

BONITA, R.; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTRÖM, T. **Epidemiologia Básica.** 2. Ed. São Paulo, Santos, 2010.

BRASIL. (1986). **VIII Conferência Nacional de Saúde: relatório final.** Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio8.pdf>>. Acesso em: 13. Jan. 2018.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico.** 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

COURA, J. R. Endemias e Meio Ambiente no Século XXI. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 335-341 jul/set, 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v8n3/v8n3a12>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

LOURENÇO, L. F. L et al. **A Historicidade filosófica do conceito saúde. Revista Eletrônica História da Enfermagem,** v. 3, n. 1, p. 17-35, 2012. Disponível em: <<http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num1artigo2.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MARTINS, M. A promoção da saúde: percursos e paradigma. **Revista de saúde Amato Lusitano,** v. 22, p. 42-46, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/93>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MAZETTO, F. de. A. P. **Pioneiros da Geografia da Saúde: séculos XVIII, XIX e XX.** In.; BARCELLOS. C. A Geografia e o Contexto dos Problemas de Saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

MIRANDA, A. C. de.; MINAYO, M. C. de. S. **Saúde e Ambiente Sustentável: Estreitando Nós.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 344p. ISBN 978-85-7541-366-1. Disponível em: <<http://books.scielo.o/rg>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

MORAES, A. C. R. de. **Geografia: Pequena História Crítica.** 20. Ed. São Paulo: Hucitec, 1994. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BwtM-gR4Shl2ZXlKd3RHcXZRUEd5QUhZaWtTb1d3Zw/view>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NUGEM, R. de. C. **Doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado (DRSAI) em Porto Alegre - RS.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva)-UFRGS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/127980>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

OMS (Organização Mundial de Saúde) 1946. **Constituição**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswwho.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

PÁDUA, J. A. Dois séculos de crítica ambiental no Brasil. In: MINAYO, M.C. de. S; MIRANDA, A. C. de, orgs. **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, pp. 26-35. ISBN 978-85-7541-366-1. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/xkvy4/pdf/minayo-9788575413661.pdf>>. Acessado em: 26 abr. 2018.

PIGNATTI, M. G. Saúde e Ambiente: As Doenças Emergentes no Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. 7, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/asoc/v7n1/23540.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

PRAÇA, M. I. F. **Qualidade de vida relacionada com a saúde**: a perspectiva dos utentes que frequentam os Centros de Saúde do ACES Trás-os-Montes I Nordeste. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Bragança, 2012. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3612/1/tese%20final%20Fevereiro.pdf>>. Acesso em: 18 de Abr. 2018.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: INTERFACES E EVOLUÇÃO. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 203-211, abr./jun., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2018.

RIBEIRO, J, W; ROOKE, J, M, S. **Saneamento Básico e sua Relação com o Meio Ambiente e a Saúde Pública**. TCC: Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/analiseambiental/files/2009/11/TCC- SaneamentoSa%C3%BAde.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: UNESP, 1994.

SANTOS, D. A. da. S.; SILVA, S. da. AZEVEDO, J. V. V. de. A Saúde e o Meio Ambiente na Visão do Enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. **Interfac EHS – Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2015/12/156_InterfacEHS_artigo_revisado.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SCLIAR, M. HISTÓRIA DO CONCEITO DE SAÚDE. **PHYSIS**: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SEVALHO, G. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SAÚDE E DOENÇA. **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 9, v. 3, p. 349-363, jul./set., 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2018.